

## O Prémio Victor de Sá de História Contemporânea – 2008 Maria Antonieta da Conceição Cruz

É com muito gosto que, acedendo a um gentil convite formulado pelo Professor Doutor José Viriato Capela, me encarrego de dizer algumas palavras acerca dos trabalhos concorrentes ao *Prémio Victor de Sá de História Contemporânea de 2008*.

A criação deste prémio traduz um grande e profundo amor do seu fundador pelo estudo da História e a sua inalterável confiança no empenhamento e capacidade dos jovens cultores deste ofício. Ao canalizar esta distinção para os mais jovens mostrou acreditar no contributo positivo das novas gerações de investigadores e, simultaneamente, incentivou a sua natural aptidão para a inovação em temas e metodologias. O prestígio alcançado por esta distinção traduz-se na grande quantidade de concorrentes, 21 na presente edição, mas, sobretudo, na qualidade dos trabalhos apresentados. O elevado nível da esmagadora maioria das candidaturas certamente deixaria o Professor Victor de Sá muito feliz.

A necessidade sentida pelo júri de, paralelamente à nomeação do vencedor do prémio, Doutor José Manuel Viegas Neves, atribuir três menções honrosas, traduz o reconhecimento da excelência de alguns dos textos apresentados. Num concurso com opositores de alta qualidade, como este, o “coador de talentos”, utilizando a terminologia de Robert Anderson, retira do pódio concorrentes também eles de elevada craveira.

As menções honrosas foram atribuídas a Rita Alexandra Borda de Água Mendonça Leite, Sónia Isabel Vespeira de Almeida e Vítor Baptista Varela de Barros

Quando o Professor Victor de Sá, de quem tive o privilégio de ser assistente na cadeira de História Contemporânea de Portugal, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, iniciou os seus trabalhos historiográficos eram muito poucos os ensaios abordando temas contemporâneos e resultavam, sobretudo, da pesquisa liderada por historiadores que o regime afastara da Universidade em função das suas ideias políticas. Alguns destes renovadores tiveram contactos determinantes no estrangeiro com novas correntes e com professores inovadores.

Em Portugal, a adopção das novas tendências, contrárias à historiografia dominante no período do Estado Novo, foi minoritária. No entanto, a renovação da pesquisa histórica no nosso país foi sendo concretizada através da contribuição diversificada de investigadores pertencentes às várias correntes.

Se a modernização da historiografia portuguesa se deveu até aos anos 40 do século XX sobretudo à produção de trabalhos realizados fora da Universidade, esta instituição passará, a partir de então, a ter um papel mais perceptível na renovação que lentamente foi sendo introduzida através de historiadores de uma nova geração. Os primeiros passos da caminhada para a adopção de novas temáticas ocorrem nos anos 40 da última centúria mas eles apenas serão convincentes cerca de duas décadas decorridas, avultando no contexto inovador a História Económica e Social, isto apesar de no nosso país ter permanecido lenta a introdução das novas tendências da historiografia do Noroeste europeu. Merecem relevo os trabalhos de Luís de Albuquerque, Virgínia Rau, Borges de Macedo, Joaquim de Carvalho, Magalhães Godinho, José da Silva Dias.

A História Económica e Social teve acolhimento tardio e quantitativamente diminuto na historiografia portuguesa<sup>1</sup>. Apesar da primeira fase de desen-

volvimento nos anos 1940-1960 a sua grande expansão ocorrerá apenas no período posterior à Revolução do 25 de Abril de 1974 e representará para alguns autores a reacção compreensível contra a “velha” história política que até então predominara<sup>2</sup>.

A determinação do “Estado Novo” no afastamento de investigadores considerados desafectos ao regime engrossou a historiografia não alinhada onde avultam, entre outros, António José Saraiva, Joaquim Barradas de Carvalho, Armando de Castro, José Tengarrinha, Miriam Halpern Pereira, António Borges Coelho e também o Professor Victor de Sá com uma extensa obra dedicada à época contemporânea sendo de salientar “A crise do liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal : (1820-1852)”.

Na renovação da historiografia portuguesa não podem ser esquecidos os contributos dos historiadores Joel Serrão, com o seu incontornável *Dicionário de História de Portugal*, e Oliveira Marques que na *História de Portugal* divulgou uma visão nova da nossa história. Trata-se de duas obras que podem bem ser considerados esteios da pesquisa histórica que lhes sucede sendo, sem dúvida, exemplificativas, no todo ou em parte, da adopção no nosso país da “Nova História”.

Esta “Nova História” contribuiu de forma decisiva para o incremento da ligação da pesquisa histórica a outras disciplinas, incentivou a adopção de novas metodologias, abriu caminho à diversificação das fontes. Os resultados destes novos percursos investigativos traduziram-se em múltiplos trabalhos académicos de história social, história cultural, demografia histórica, história económica, história das instituições e história política. Adoptada por vários investigadores antes do 25 de Abril de 1974 é após esta data que a “Nova História” obtém ampla divulgação, traduzida em múltiplas publicações mas, também, nos programas de ensino e manuais escolares.

A par deste movimento vão surgindo adesões a novas correntes nomeadamente à New Economic History e à chamada História pós-moderna.

A investigação histórica cresce de forma exponencial.

A partir de finais dos anos 1970 surgiram entre nós várias sínteses em que se constata, a par de elementos persistentemente conservadores, a existência de

inovação no que concerne aos objectivos e à metodologia: História de Portugal de Veríssimo Serrão; História de Portugal dirigida por José Hermano Saraiva; História de Portugal sob direcção de José Matoso; História de Portugal dirigida por João Medina; e ainda a Nova História de Portugal com direcção conjunta de Joel Serrão e Oliveira Marques.

Multiplicaram-se, também as revistas de história. Sediadas nas universidades, editadas por unidades de investigação, autarquias, associações ou grupos de historiadores, traduzem, pelo seu número e qualidade, a renovação ocorrida na pesquisa histórica nos últimos anos.

As Universidades Portuguesas têm tido um papel determinante na renovação da historiografia e na difusão do conhecimento da nossa História, não só através da obra dos seus professores como no papel decisivo de formação de milhares de discípulos que, através das suas teses de mestrado e doutoramento, algumas já publicadas, contribuem, de igual modo, para o progresso da pesquisa histórica.

No âmbito deste concurso avultam, exactamente os trabalhos académicos. Dos 21 candidatos, 16 concorreram com as suas teses de mestrado ou doutoramento, isto é, 76,2 % do total.

Foi no pós-25 de Abril, sublinhe-se, que foram acolhidas as temáticas ostracizadas pelo regime anti-democrático do "Estado Novo". A historiografia canalizou as suas investigações, preferencialmente, para cronologias que a ideologia oficial tentava afastar: os séculos XIX e XX. O século XX entrou rapidamente nos currículos universitários e as pesquisas incidindo neste período multiplicaram-se. A Primeira República e o Estado Novo estão sob os holofotes da sede de conhecimento de um período que muitos investigadores viveram e precisavam de escarpelizar, estudar e dar a conhecer.

A maior parte dos trabalhos concorrentes a este prémio estuda exactamente o período novecentista. Reflectindo, em alguns casos, a especificidade do corpo docente das universidades onde foram elaboradas, essas dissertações académicas traduzem, também, de forma inequívoca, a actual preferência dos alunos por temáticas muito próximas do tempo presente.

Com efeito, dos 21 trabalhos apresentados apenas 5 incidem exclusivamente no período oitocentista. Traduzem preocupações sobre aspectos muito diversificados que os respectivos títulos, quase sempre, traduzem com eloquência. Assim, exemplificando, os arquivos e a sua organização encontram-se no cerne da tese de mestrado de Abel Leandro Freitas Rodrigues intitulada *Entre o Público e o Privado: a Gênese do Arquivo do Conde da Barca (1754-1817)*. Analisando aspectos da História da Família, Emiliania Costa da Silva Querida dedicou o seu estudo ao *Casamento em Santo André de Canidelo (1875-1895)*. As Elites oitocentistas, nomeadamente o papel desempenhado por alguns notáveis, são o centro da pesquisa que conduziu à tese de mestrado de Nuno Miguel de Jesus Lima, intitulada *Os "homens bons" do Liberalismo. Os maiores contribuintes de Lisboa (1867-1893)*. Hugo José Silveira da Silva Pereira acompanhou as intervenções dos deputados da Nação acerca dos Caminhos de Ferro. A sua tese de mestrado analisa o que no Parlamento se disse acerca deste assunto ao longo de 15 anos. O título: *Caminhos de Ferro nos Debates Parlamentares (1845-1860)*.

Três dos trabalhos apresentados a concurso abarcam, simultaneamente, os séculos XIX e XX. Estudam as organizações de assistência social, versadas por Norberto Tiago Gonçalves Ferraz em *Solidariedades na Misericórdia de Cabeceiras de Basto (1877-1930)*; aspectos das relações internacionais a que Susana Isabel Marcelino Guerra Domingos Pellejero consagra a sua tese de mestrado denominada *Portugal no Sião: Origens e renúncia da extraterritorialidade (1820-1925)*, e as minorias religiosas – tese de mestrado de Rita Alexandra Borda de Água Mendonça Leite que obteve uma menção honrosa. Intitulada *Representações do protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea: da exclusão à liberdade*, esta dissertação, bem escrita, muito bem fundamentada aborda as vicissitudes que envolveram a construção da pluralidade religiosa no nosso país.

As obras que traduzem pesquisas incidindo no *longo período que decorre da Primeira República ao 25 de Abril de 1974* abordam questão muito diversificadas. Exemplificando. A repressão política no decurso da ditadura, foi o tema escolhido por Victor Baptista Varela de Barros e estudou-o alicerçado numa enorme base documental a que deu um tratamento minucioso. Com esta obra: *As ilhas como espaços de deportação e de prisão no Estado Novo*, que é a sua tese de mestrado, arrecadou uma menção honrosa.

Interessado nas relações Estado/Igreja, Sérgio Filipe da Rocha Vieira dedicou a sua tese de mestrado ao estudo dos *Caminhos de construção e leituras da Lei de separação do Estado das igrejas de 1911*. Por sua vez Francisco Miguel Veloso Araújo empenhou-se no exaustivo estudo de uma conceituada instituição académica. A sua tese de mestrado intitula-se – *A Faculdade(s) de Letras do Porto: da (re)criação à revolução*. João Paulo Valente Aguiar socorrendo-se de fontes muito variadas, entre as quais canções e poesia popular, construiu a sua tese de mestrado intitulada: *Germinal – um estudo sobre a cultura e o trajecto socio-histórico do operariado agrícola alentejano*. Por sua vez a observação da arquitectura do Estado Novo e a sua tradução ideológica estão no cerne das preocupações investigativas de Joana Rita da Costa Brites que apresentou a concurso a sua tese de mestrado *Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência: Modelos e programas arquitectónicos na construção do Estado Novo (1929-1970)*. Abordando o panorama editorial no Estado Novo a obra de Nuno Miguel Ribeiro de Medeiros: *Edições e editores portugueses: Prescrições, percursos e dinâmicas (décadas de 1940 a 1960)*, ultrapassa muito o seu título. Esta tese de mestrado faz uma análise muito minuciosa da figura do editor e da sua evolução, das vicissitudes da edição em Portugal e do papel do Estado na vida/destino do livro. A política social do Estado Novo foi analisada por Pedro Joaquim Teixeira Pereira que procurou com a sua tese de mestrado dar conta dos *Activos e passivos na política social do Estado Novo (1933-1945)*.

A Revolução do 25 de Abril é abordada em a *Comunicação política na Revolução de Abril* por Marco José Marques Gomes Alves Gomes. Para o mesmo período Sónia Isabel Vespeira de Almeida produziu a obra, que é a sua tese de doutoramento, *A ruralidade no processo de transição para a democracia em Portugal: campanhas de dinamização cultural e acção cívica do Movimento das Forças Armadas (1974-1975)*. Este trabalho, fruto de uma pesquisa escrupulosa, assente num quadro teórico rigoroso, faz uma análise cuidadosa da temática versada e procura um balanço equilibrado desta experiência impar e efémera. Numa escrita clara e meticulosa a obra granjeou uma menção honrosa.

A adesão de Portugal às Comunidades Europeias fica reflectida no trabalho apresentado por Alice da Conceição Monteiro Pita Brito da Cunha, *À descoberta da Europa: A adesão de Portugal às Comunidades Europeias*.

Finalmente, uma referência ao prémio máximo deste concurso, necessariamente muito breve pois o seu autor, José Manuel Viegas Neves, fará em seguida a apresentação detalhada da sua obra. O Prémio Victor Sá de História Contemporânea foi atribuído na presente edição a um texto edificado em sólida formação teórica, bem fundamentado e que constitui a tese de doutoramento do autor. Abordando de forma inovadora um tema particularmente aliciante, brindou-nos com o seu ensaio: *Comunismo e Nacionalismo em Portugal – política, cultura e história no século XX*, revelando grande domínio do tema. Observando o discurso político e o discurso intelectual produzido, proporciona aos seus leitores uma análise do nacionalismo comunista deduzida através de uma sólida investigação construída com intenso recurso a trabalhos de dirigentes políticos e intelectuais comunistas.

A historiografia portuguesa abriu-se a múltiplas influências e foi adquirindo moldes científicos. O lento caminho iniciado por um pequeno número de investigadores a partir dos anos 30 e 40 avolumou-se nas décadas seguintes com a adopção de inovações conceptuais, a introdução dos métodos quantitativo e a utilização da informática. Os benefícios da democracia foram enormes. A historiografia portuguesa experimentou os novos caminhos percorridos pela historiografia europeia. Abriu-se à história oral, à história das mulheres, aos novos estudos locais, à micro-história. Tem um percurso notável nas últimas décadas. A maioria dos trabalhos concorrentes ao Prémio Victor de Sá de História Contemporânea testemunha essa permanente renovação, temática e metodológica, aberta à utilização de novos instrumentos e equipamentos.

Termino com palavras do Professor Victor de Sá quando, em 22 de Abril de 1993, em breve reflexão sobre a sua vida dedicada ao estudo da história, afirmou: *“Mas tenho confiança no Futuro da espécie humana, na inteligência dos povos e no progresso técnico ao serviço da sociedade.*

*Eu terminei, mas o Mundo continuará a girar.”*

Ao instituir este prémio o Professor Victor de Sá contribuiu de forma clara para que a investigação histórica continuasse a girar nesse mundo que ele já deixou mas em que a semente que, com outros, nos confiou, germinou. Os trabalhos

premiados, e grande parte dos apresentados a concurso, são um excelente fruto da fecunda investigação que se realiza em Portugal. Existe hoje uma jovem comunidade científica muito promissora da qual José Manuel Viegas Neves, o vencedor desta edição, e muitos dos concorrentes claramente fazem parte. O Mundo, como o Professor Victor de Sá queria, continua a girar!

## Notas

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, o gráfico que traduz o número de páginas concedidas às diversas áreas da História de Portugal de "Barcelos" in CATROGA, Fernando, MENDES, J. M. Amado e TORGAL, Luís Reis, *História da História de Portugal – séculos XIX-XX*, Lisboa, Circulo de Leitores, 1996, p. 271.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, DIAS, Silva, in *Cultura – História e Filosofia*, III, 1983, p. 525.